

DROIDINHO

O Dia – 12 de novembro de 1933.

Está sobre a minha tosca mesa de estudos um novo livro recebido da Ariel Editora. É um livro de José Lins do Rego. Quem não conhece este vigoroso estilista que é José Lins do Rego? Há vários meses deu a luz da publicidade ao seu primeiro pequeno romance, “Menino de Engenho”. Hoje aparece com “Doidinho”, mais firmando ainda o seu já grande prestígio de romancista. “Doidinho” vem continuar as aventuras do nosso Carlos de Melo de “Menino de Engenho”. Neste último trabalho, vemos o nosso herói na vida livre da fazenda, gozando as delícias do menino ignorante e debaixo do olhar amigo das pessoas da família. Em “Doidinho” o cenário é outro. É Carlinhos num colégio provinciano, onde a palmatória medrava, onde o menor desvio fazia desandar a cólera furibunda do irascível diretor contra os pobres inofensivos alunos. É um romance duma psicologia profunda. É a alma revoltada e sedenta de liberdade do pequeno brasileiro que nos revela o autor.

Começa com a entrada do menino no colégio do seu Maciel, verdadeiro antro, nauseabundo, dos mais atrozes castigos para as almas rebeldes e livres da infância. É um livro maravilhoso. As suas últimas páginas são duma realidade amedrontadora. Com a covardia dos mestres acompanhada de sofrimentos morais sem fim, entra na cabeça do nosso menino a idéia de Deus. Será que existe este

ser supremo protetor de fraco e juiz dos fortes? Por ignorância, atravessa todos os obstáculos e, numa tentativa corajosa, inconsciente tenta renegar Deus, mas não pode. Sente-se fraco. Sozinho para renegar aquele que era o seu único apoio moral. Aquele que lhe fazia ver um futuro melhor com alguma felicidade. Surge a idéia da morte em seu minúsculo cérebro até – o primeiro amor – as primeiras insones noites em que no desespero amargurador o menino vê diante de si, junto, ao seu lado, o ente amado. Era a primeira luta do seu sexo contra a sedenta natureza. Era o instinto sexual que o fazia vibrar pela primeira vez.

É um ótimo e inesquecível romance. Está a literatura brasileira enriquecida com mais uma obra de valor. Ler “Doidinho” é conhecer a luta e a alma do pequeno brasileiro. É um trabalho excepcional, revelador da cultura do seu autor e da cultura brasileira, tão escassa em trabalhos deste gênero. Apresenta quadros dum realismo formidável. É, sem dúvida, um dos melhores e mais bem feitos romances brasileiros. Será – estou certo – uma das grandes vitórias livrescas.